

Estado do Rio pode ser o mais atingido pela crise

Apesar de todo esse quadro recessivo, indústrias, bancos e comércio ainda não começaram a demitir funcionários em massa, exceção feita ao setor de construção civil. Mas se isso ocorrer, o Rio de Janeiro será um dos Estados mais afetados pela crise, já que 65% da mão-de-obra fluminense estão empregados nas pequenas e médias empresas, como explica o Presidente da Flupeme, Benito Paret. Como essas companhias não têm condições de dar férias coletivas, se a crise apertar, as demissões serão inevitáveis.

No caso das indústrias, as dispensas ainda não ocorreram, como explica o Chefe do Departamento Econômico da CNI, José Augusto, que

vem acompanhando de perto a situação dos diversos setores, porque as empresas ainda não se esqueceram dos efeitos da recessão de 1981. Naquela ocasião, puseram milhares de trabalhadores na rua e depois, com a retomada do crescimento, enfrentaram grandes dificuldades para readquirir mão-de-obra qualificada.

— Por isso há tanta relutância em dispensar trabalhadores especializados. Apesar da queda da produção, o quadro ainda é muito incerto, já que falta a aprovação das medidas pelo Congresso. As indústrias tentarão, até onde for possível, contornar o problema, dando férias coletivas ou reduzindo a jornada de trabalho —

corrobora o Presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), Artur João Donato.

Já no comércio e na rede bancária, os motivos são outros. Ainda que, como a indústria, estes dois segmentos estejam em compasso de espera, aguardando a decisão do Congresso sobre o Plano Collor, os custos de demitir trabalhadores são tão altos que, neste momento, as empresas não têm cruzeiros suficientes para arcar com esse ônus, explica o Presidente da Flupeme, Benito Paret. Principalmente as pequenas e médias. Mas, dependendo do desfecho dessa queda-de-braço, as demissões serão inevitáveis, principalmente nas companhias de menor porte, que

não têm condições de buscar alternativas, como as grandes indústrias.

— A produção do Rio de Janeiro está praticamente nas mãos de indústrias de pequeno porte e voltadas para o mercado interno. Por isso, qualquer mudança no comportamento do mercado interno atinge o Estado de forma tão intensa — diz Paret.

Na época do Plano Cruzado, o aumento do consumo fez com que o Rio tivesse uma produção de 15% em 1986, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse resultado ficou muito acima da média nacional no período, que foi de 8%.